

Visado pelo
Comissário de Censura

O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 277 • PREÇO 1\$00

AQUI, LISBOA! Por Padre Adriano

O Património dos Pobres tem uma missão definida que não pode ser desvirtuada: acudir com uma moradia aos infelizes que a não têm nem jamais teriam, se não fosse a Caridade Cristã.

Nalgumas freguesias está já a atingir este objectivo. Todos os pobres foram decentemente recolhidos; acabou-se a palhota imunda e humilhante. Mas nem por isso podemos cantar vitória. O problema da habitação não ficou totalmente resolvido.

Há uma classe de pessoas, a mais numerosa até, que nas actuais circunstâncias de vida económica, vive em afiliva situação doméstica. É a dos trabalhadores, empregados e pessoal menor e dos que, no seu dizer, trabalham de dia para comer à noite.

Levanta-se para eles tal série de dificuldades que lhes faz perder toda a esperança de virem um dia a possuir uma casinha sua.

A primeira dificuldade é a do terreno. Na maioria das terras, a propriedade valorizou-se de tal modo, que só os capitalistas podem dispor de verba suficiente para a aquisição duns escassos metrozitos.

A segunda é o elevado preço de materiais e da mão d'obra, inacessível ao comum das bolsas. Depois as dificuldades burocráticas provenientes da legislação em vigor e das ambições camarárias.

Finalmente a desunião entre os trabalhadores que não lhes permite procurar uma solução de conjunto que individualmente é inatingível.

Se o *Património* conseguiu triunfar, deve-o a ter conseguido forçar três portas: a da burocracia pela força da Justiça, a da Caridade pelo estancamento do caudal da generosidade do coração humano, e a da inércia pela inconformidade com a situação milenária dos abandonados.

Maiores vão ser as dificuldades se um dia, como desejamos, nos propusermos passar à segunda fase: *Casas para Trabalhadores*.

Nem facilidades, nem terreno, nem capital, nem legislação. Ou antes: tudo contra. Debalde o Estado, as Empresas, as Misericórdias, as Caixas de Previdência, as Cooperativas económicas se lançarão na campanha, se não conseguirmos que cada um construa a sua casa. Debalde cada um se resolverá a construir a sua casa enquanto estiverem de pé, os actuais empecilhos. Um dos maiores é sem dúvida a legislação vigente.

Sempre que somos solicitados para *desenrascar* algum afilto que caiu sob a alçada das repartições

de obras camarárias, esbarramos infalivelmente com um tal decreto que deita tudo por terra. Nas mãos dos fiscais essa lei é um brasill! Não era sem dúvida intenção do legislador complicar a vida dos pobres mortais, mas sim regulamentar abusos evitáveis. Contudo, se se conseguiu que as casas não fossem construídas no meio da estrada, não se evita que muitos vão viver em currais, em promiscuidade, em revolta permanente. O número e capacidade dos compartimentos, foi substituído pela amplidão dos céus. Em vez dum sacrifício para construir, por partes, em dois ou mais anos, a sangria dum rendimento que pesa toda a vida.

Um Deputado da Nação pediu-nos, há tempos, alguns elementos para debater assuntos correlativos, nas bancadas do Parlamento. Aqui tem Sua Excelência um inesgotável filão de controvérsia:

1.º — Que se facilite aos pobres e operários a aquisição e terreno onde, nas horas vagas, possa construir a sua moradia.

2.º — Que se promova a distribuição de baldios para tal fim.

3.º — Que seja posto limite ao preço do terreno destinado a construção.

4.º — Que da parte das Câmaras não haja entraves à construção e até que sejam fornecidas plantas e assistência técnica aos auto-construtores.

5.º — Que se dê uma participação razoável às Entidades que promoverem a auto-construção.

6.º — Que as Empresas, que têm possibilidades, sejam obrigadas a construir moradias para os seus servidores.

7.º — Que as casas para trabalhadores sejam isentas de contribuições por um largo número de anos.

UM COMUNICADO

Acontece com frequência chegar uma carta a perguntar se nós aqui aceitamos doze contos para erguer uma casa do *Património* em tal sítio, que vem a ser a terra natal do Devoto. E nós dizemos que não.

Como já temos avisado vezes sem conta, esta obra de casas para pobres, sem renda, foi superiormente aprovada e hoje é da paróquia. É uma obra paroquial. Aquelles pedidos devem ser feitos directamente aos párocos.

Sei de alguém que traz há muito tempo na algibeira um cheque e não tem podido ainda realizar o que pretende, por falta de entendimento na freguesia. Ora nestes

Havia justamente chegado dos Açores, quando me vem recado da Direcção da Companhia Hidro-Eléctrica do Cávado, para ser

O Senhor Engenheiro da Empresa, tinha ali à sua frente a escriptura de doação. Tinha o esquema das casas e nomes dos seus



As casas são assim. Seus futuros habitantes são assim. Não fossem aquelas e seriam as estrelas!

presente ao acto de entrega em Vilar da Veiga, das primeiras moradias do *Património*. Como toda a gente sabe, a Companhia mandou construir lares suficientes para quarenta famílias, que habitavam em terras a submergir num futuro muito próximo. Foi. Era meio dia. Estavam um Director da Empresa, Presidentes da Câmara de Bouro e de Vieira, Vicentinos de Braga, Párocos de cinco freguesias, outra gente. Estavam as famílias pobres daquele primeiro núcleo, em número de trinta indivíduos. As casas ali à vista são de dois pisos e não têm nada que se lhes diga. Existe um pequeno quintal para cada uma. Fora, num pequenino largo, é um tanque de granito com duas bicas de água corrente. Não tive mão em mim que não molhasse as mãos e as tivesse levado assim à cara. Uma fonte. Fonte luminosa!

habitantes. Leu um pequenino discurso. Entregou. Não fomos a outros sítios fazer a entrega das mais; não fomos. Nestas da freguesia de Vilar da Veiga, resumimos. Dali regressamos todos à Caniçada, aonde nos foi servido um almoço caseiro.

Historiando, a Direcção da Companhia viu-se muito embaraçada com as famílias pobres a submergir. Se em todos os outros casos se dá o recurso da expropriação, que fazer a estes? Dar-lhes uma casa, não era de maneira nenhuma resolver o seu problema. O mendigo não tem capacidade. Dentro em pouco estava sem ela. Que fazer? Foi então que alguém teve a feliz ideia de fazer chegar à Mesa o *Ovo de Colombo*. Este opúsculo, fala do movimento de casas do *Património* de cinquenta e um a cinquenta e três e dá notícia do seu regulamento. Foi a tábuca de salvação! Existe uma pessoa moral que pode tomar conta das casas e cedê-las gratuitamente ao uso do Pobre. Nunca se viu no mundo um livro tão pequenino que nem traz o nome do autor, para resolver assuntos sociais de tanta magnitude! Se já antes amava a nossa tipografia e seus tipógrafos, agora muito mais.

Estava resolvida a primeira dificuldade e agora surge uma outra. As coisas novas metem medo. Dava-se certa retulância em aceitar! Os Vicentinos aplainaram. Três membros do Conselho Superior de Braga com a sua competência e ciência aplainaram e hoje em cada freguesia aonde a Albufeira vai ser, temos seus pobres alcandorados em casas que fazem cobiça.

(Continua na 1.ª coluna da página seguinte)

Não importa lugar; o importante é o tempo e esse é Agora.

CASA DO GAIATO AÇOREANO

Por um particular interesse da Presidência da Junta Autónoma de Ponta Delgada, tínhamos ali uma Casa do Gaiato, regida superiormente por Padre Elias, natural de S. Miguel o qual, como todos sabem, fez em tempos um estágio em todas as casas do Continente e tem feito da de lá uma réplica fidelíssima às de cá. É muito bom o discípulo que for igual aos mestres. A casa estava prestando óptimos serviços e contudo nós fomos extingui-la. Nem outra era a razão da minha última visita àquela cidade. Porquê? Por causa da co-existência no mesmo prédio de uma Repartição da Junta. Ora isto não podia continuar. Era anómalo. Por felicidade, encontrava-se no Continente o senhor Bispo de Angra, com quem falei antes de partir. Deu-me carta branca. Subi às alturas na Portela e três horas depois eis-me na Ilha de Santa Maria. Apenas cheguei a Ponta Delgada, Padre Elias mais eu, pedimos e obtivemos uma audiência. Eram quatro horas da tarde. O senhor Engenheiro Simbron, Presidente da Junta e Deputado da Nação, deu-me a palavra. Pouco disse. A anomalia da co-

O Património dos Pobres, não trabalha na base das confrarias. Não é de rendimentos imediatos nem visíveis; muito ao contrário, esta obra social só traz às Comissões despesas, trabalhos, muitas dificuldades. Aqui o seu verdadeiro rendimento.

Se em todos os tempos, hoje mais do que nunca necessitamos de um apostolado assim. De muitas casas que temos mandado construir à beirinha de estradas nacionais, sei eu que centenas de famílias mandam parar os seus carros, entram, perguntam e à resposta *nós não pagamos renda nenhuma*, aqueles visitantes ferem-se e vão-se embora magoados. Tivessem os Pobres ocasião de informar que sim senhor, pagamos uma rendinha. E se essa dita rendinha fosse destinada a um fundo de conservação dos prédios. E se esses fundos se fossem acumulando a pontos de haver necessidade de os colocar na Caixa e com seus juros comprar uns *papeizinhos*. Se tudo assim se passasse, digo, ninguém se feria. Ninguém se magoava. Ninguém rezava. Não se daria ocasião para actos de Fé Divina. Eram casas de renda barata e não era mais coisa nenhuma. Ora isto é preciso que se saiba e que se medite e que seja agora e sempre a doutrina das casas do Património.

Isto foi no sábado, dezoito de Setembro, e no dia dezanove, não disse que não e fui aqui perto, S. Martinho do Campo, ver com os meus olhos o que fizeram duas humildes raparigas do povo. Depois de nós termos construído ali o ano passado, uma casa à beira da estrada, elas levaram um ano a pedir e ontem à tarde eu vi entrar uma família pobre para o que hoje é seu.

O que pode no mundo o amor de Deus! Nós afinal, neste campo podemos tudo. Estas duas raparigas estão dispostas e vão erguer uma casinha cada ano! Vieram um dia aqui a Paço de Sousa e eu despedi-as!! Era um dos meus dias amargos. Pois bem. Elas não desanimaram! Ontem vieram-me convidar. *Não falte*. Não podia faltar. Fui-lhes pedir perdão.

-existência vinha dizendo tudo desde a hora da instalação e estava tudo dito. Restava-nos entregar os 50 gaiatos, fechar as portas e regressar ao Continente. Há um momento de tristeza. Nenhum dos presentes esperava, tão pouco desejava aquela solução. A intenção das duas partes era recta. Havia sinceridade. O silêncio que se fez entre nós todos, tinha o valor duma esperança; quem sabe se um milagre? É ele deu-se! Deus não faz milagres sem o concurso do homem, mas com ele sim. Apareceu ali uma quinta! A quinta desejada, em local desejado, com tudo que é preciso para instalar imediatamente uma comunidade de 50 rapazes. Fomos vê-la. Não há dúvida do facto. Dentro de 48 horas fechou-se o negócio e eu trouxe uma cópia da planta para mostrar aos Padres da Real

Porque é que se chama hoje *Casa do Gaiato Açoreano*, o que dantes se chamava *Casa do Gaiato Micaelense*, porquê? eu digo: Chegou o tempo de criar em cada uma das ilhas do arquipélago uma obra desta natureza. A guerra precipita os factos. Os soldados enchem o arquipélago. A junção de dólares e de carne, faz lixo...! E somos nós. São as Casas do Gaiato. Eu não queria. Eu não concordo. Assino vencido. É a guerra! Cada ilha precisa duma Casa do Gaiato, daí o genérico nome *Açoreano* e depois em substituição, o nome da ilha aonde ela venha a ser instalada.

Nos Açores há muito clero e bom. O senhor Bispo vai dar novos sacerdotes ao Padre Elias, os quais nem sequer precisam de vir aqui estagiar; a casa de Ponta Delgada é modelo. Uma vez ali formados, vão tomar conta noutras ilhas.

A norma familiar das Casas do Gaiato, já é conhecida da população da Ilha Terceira. Não há nenhum habitante que a não tenha feito sua. E todos trabalham para que nada lhes falte. Basta dizer que uma família começou no princípio e ainda se não enfadou de oferecer à casa o leite necessário! De manhã e ao meio-dia são tijeiras. Os rapazes cheiram a leite. Que belezal! É a norma familiar. A saída para o Continente, não foi sem uma grande comoção que ouvi da boca de todos: *dê saudades aos nossos irmãos*. Família. Bafo de família.

Nem ali falta um pequenino de três anos, que Padre Elias *achou* e quis levar na companhia de mais dois à minha chegada!

Quem sabe? É porque não? No arquipélago dos Açores, tem havido páginas da História de Portugal. E se a *Casa do Gaiato Açoreano* ali vier a crescer e a multiplicar-se e de lá passar ao Continente com todo o seu vigor e suas normas. Quem sabe? Se olharmos bem as coisas, hoje são tudo quintas e cidades e aldeias e lares, aonde a vida é natural. Asilos não.

UM ANÚNCIO

Aquele senhor da Régua que mandou executar nas nossas oficinas um trabalho, pode vir que está pronto. São lampeões de ferro e cantoneiras e o mais. Tudo na conta e na marca.

De como eu me estreei na Póvoa

Foi ali que encetei meus passos de pedinte.

Sáímos de manhãzinha: eu, Tino e Papagaio. No Alto da Maia, embarcámos o Manuel Pinto. Este ia de passeio.

O tempo ameaçava chuva e de facto cumpriu com persistência ao longo da orla marítima.

A Igreja de S. José de Ribamar é um templo pequeno, que a Fé do seu Pároco vai ampliar às dimensões necessárias. Eu não o conhecia, e só por tê-lo conhecido, valeu a pena a viagem.

De outra vez, fui a outra praia pedir licença para ali se realizar um peditório. A praia é muito menos modesta que a Póvoa de Varzim. Talvez por isso mesmo, foi respondido que não, que também lá havia obras de assistência...

A doutrina do Sr. Abade de S. José de Ribamar não é assim. Ele tem um patronato para muitos rapazes pobres. Suporta toda a despesa de alguns rapazes *com asas*, que cursam o ensino médio e em breve o superior. Tem as obras da Igreja que lhe custarão muitas centenas de contos. Tem uma freguesia que é pobre todo o ano e um bocadinho menos pobre durante três meses... Pois da sua boca ouvi eu que não podia recusar licença ao nosso peditório, já que também ele, o mais que recebia era de gente de fora, estranha aos interesses permanentes da sua paróquia. O Senhor Prior de S.

José de Ribamar não disse, mas eu compreendi que ele não tem as suas obras como suas. Deus é o titular delas. E Deus não se consoe; chega para todos! Portanto, o nosso peditório, não o tinha como intromissão; sim como uma partilha que não deixará de lhe ser fértil na medida em que o *opus Dei* haja de ser feito por ele, através de acções que requeiram dinheiro. Não é a sua obra que o preocupa, mas a obra de Deus, a realizar por quem Deus quiser.

Depois de um tal encontro, e indo eu com sermão mal preparado, tomei o mote e preguei a inanição do dinheiro; chamei heresia aos cuidados que ele dá aos homens do nosso tempo; declarei que não ia ali por ele, mas sim revelar o que pode o amor de Deus no coração dos homens; acrescentei que desejava a inquietação da Justiça na alma dos meus ouvintes.

Depois disto não devia ter cara para ir de saca na mão por entre eles. Mas fui. Fui eu e o Tino e o Papagaio e ainda um rapazito que não sei quem é. Deram-nos um pouco mais de dois e meio, naquela manhã chuvosa e triste. Pai Américo troçando das minhas aflições prévias dizia que eu não ia trazer para a viagem. Trouxe. Por graça de Deus espero ter deixado também alguma coisa. Louvado seja Ele.

Padre Carlos

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** O Daniel Borges fez a sua cura nas Caldas de Gerez e ao mesmo tempo o Júlio Mendes, em Caldelas, de forma que a tipografia ficou muito desfalcada; por sorte tudo correu bem a não ser o *Choninhas* que trocou uma encomenda, mas o freguês perdoou-nos.

*** Não posso deixar de trazer hoje aqui o engenho do *Formiga*. Como todos sabemos, ele trocou com o Filipe, e hoje, em lugar de capoeiras, tem a obrigação de refeitoreiro dos médios. Cada rapaz tem sua caneca. Os seus colegas costumam apanhá-las para dentro de tabuleiros e ele não. *Formiga* não. Vai buscar uma cana muito comprida e enfia nela todas as canecas da sua mesa. É num instante. Foi uma descoberta. Como o rapaz não tira patente, ela aqui fica para os que quiserem.

*** Em os recortes de hoje que *Recorte* nos envia, vinha o caso de um rapaz sem família que, depois de bater a muitas, também veio à nossa porta e não foi admitido. Jornais do Porto e de Lisboa, deram à história alto relevo. Não sei como isto chegou ao seu conhecimento. É pena que os jornais saibam tão pouco destes acontecimentos tristes. Nós cá sabemos mais e dizemos mais. Não temos presente o apelo do referido abandonado; eles são tantos que a memória não os pode abarcar. Não temos presente, sim, mas acreditamos em tudo quanto os jornais do dia relataram. É raro pôr-se o sol sem nós vermos aqui um rapaz a pedir para ficar. Trazem muitos quilómetros, a cara muito suja, o cabelo por cortar, corpo ao léu, cheiro repugnante. Eles querem dizer, e pedem para

ficar. Na sua maioria, são infelizes de taras e outras anomalias que os tornam de mui difícil recuperação e que requerem para isso um trato especial. Eles são de todos os dias e nós todos os dias os mandamos embora! Quem me dera que os Diários dessem estas notícias, que são de verdadeiro interesse para a humanidade! Se aquele caso causou dores a tanta gente, pelas cartas que temos recebido, que dor, se soubessem toda a Verdade. E esta dor faz-nos bem.

Quanto não custa à gente mandá-los embora! Quanto não custa à gente a reacção de duzentos rapazes a pedirem que o deixe ficar! E nós temos de dizer que não!!

*** Em uma destas noites, um rapaz que de cá fugiu, assaltou a casa e roubou tudo quanto quis. Não lhe foi nada difícil. Sabia os cantos. Hoje encontra-se preso. Já tinha respondido por duas vezes. Da primeira, por um furto de quinhentos escudos, apanhou cinquenta dias. Da segunda, por um objecto de menos valor, apanhou 6 meses. O que não será agora por um assalto premeditado à Casa que lhe deu o ser! Ele mesmo assim explica segundo cartas que me tem escrito: «Pai Américo eu roubei. Não devia fazê-lo porque uma Casa que me criou e que tira tanto rapaz da lama é indigna que receba uma paga dessas».

Ora isto vem para dizer que a massa das nossas Casas não é toda boa. É mesmo preciso que estes casos se tornem públicos não só para o bem dos que temos em Casa mas também e muito principalmente para que não saia das justas medidas o conceito da Casa do Gaiato.

AGORA

AQUI, GEREZ

por Daniel B. Silva

A seguir ao livro «Viagens», ainda me não determinei se terá lugar a colectânea «Património dos Pobres» se este «Agora», ou talvez um só volume com os dois assuntos; sendo que um e outro estão escrevendo a mais bela página da história de Portugal e ambos merecem vir a lume e permanecer nos arquivos da Nação. Ainda me não determinei. Enquanto o não faço, vamos deixando passar os Misericordiosos, ouvintes apaixonados do Sermão da Montanha. Eles aqui vão. O primeiro é o E. F. de Lisboa que vem muitas vezes com 500\$ para ajuda de uma casa de preferência em Lisboa. Atrás dele vão os Empregados do Hotel Infante de Sagres com 600\$00 na mão. Imediatamente a seguir e um nadinha ao lado, é a Shell Portuguesa; os Empregados, já se vê. Dizem eles «em 4 de Junho passado, enviamos uns tostões para o início de uma casa que nos empenhamos oferecer ao Património dos Pobres. Agora vão dois vales do correio no valor de 5.050\$00». Que lindas casas! Como elas falam! Quanto não dizem! Até a sua demora é eloquente, por ser um sacrifício prolongado dos que tiram mensalmente do seu pouco, um pouco. Depois dos da Shell, vêm os Empregados da Vacuum. Estes dão 18 contos para uma casa em Lisboa e mais 12 deles para uma outra casa aqui no Porto, pretendendo que se denomine «Casa dos Empregados da Socony Vacuum»; e que a entrega seja feita pelo Pessoal da Delegação do Porto. Sim senhor. A seu tempo vamos dar a notícia e eles podem comparecer em Miragaia. São horas de revolução pacífica; já assim foi no Carvalhido, vai ser em Ramalde, Paranhos e mais e mais e mais. Aqui vai um Bacharel com os 20\$ da sugestão de alguém. É o Notário da Comarca de Celorico. Foi da Casa do Gaiato! Se a dita sugestão viesse a tomar forma, certo é que o cortejo não cabia, de tantos Bachareis. Mas não. Vai aqui outro da Comarca de Lisboa e não devemos esperar por mais. Arrumem-se e deixem passar *Os Dois*, no dia do seu casamento, ela alfacinha ele tripeiro; 50\$00. Deus os conserve sempre unidos; juntos é pouco. Mais eloquência. Mais amor de Deus. Quem dera que o mundo se venha a encher. Ora deixem passar e guardem silêncio:

«Ocorre dentro de 2 dias—a 5 de Setembro—o 1.º aniversário de casamento, dia que constitui para nós, minha mulher e eu, marco bem distante duma etapa da vida para outra, que até hoje, e Deus há-de querer que sempre, tem sido um período todo cheio de felicidade e alegrias. Ocorreu em 24 de Julho, um facto que veio economicamente melhorar sensivelmente a vida do nosso lar—a minha promoção—acontecimento que durante muito tempo esperamos e que finalmente se realizou. Terminou portanto há dias o 1.º mês em que disfrutamos por inteiro o nosso aumento. Reconhecidos a Nosso Senhor por este facto, aproveitamos a comemoração do outro, para agradecermos da melhor forma tão grande benção e assim, receberá o Pai Américo um vale de correio, cujo talão junto enviamos, do montante desse aumento—570 esc.—im-

portância que desejávamos fosse empregada no Património dos Pobres».

Como é diferente a linguagem dos homens de fé! Nós podemos ser já de outro mundo, enquanto vivemos e suportamos este; ter lá raízes e relações. Podemos. Também aqui vão os C. T. T. da Batalha com mais uma prestação de 726\$50. Teremos no Porto a *Casa dos C. T. T. do Porto*. Já as temos de Lourenço Marques.

Anónimos a escreverem seu nome no Livro da Vida! Oh procissão!

Aqui vão os Serviços Médico Sociais de Lisboa, da Federação das Caixas de Previdência com 2.229\$00. São os Empregados. Também Eles pretendem uma distinção.

Outra vez o Pessoal da Companhia Portuguesa de Celulose com 930\$00. Mais uma pancadita e chegamos aos doze deles.

Não sei quem descobriu que o senhor E. F. de Lisboa, assíduo na procissão, é da Avenida Magalhães Lima. Nesta, aparece duas vezes e são 500\$ de cada. Por este andar, não falta muito que não tenha a sua casa nos arredores de Lisboa. Vai aqui a Bernardina com 50\$ para as casas de Miragaia. Mais outra com 200\$. Tal como nos meios selectos, existem aqui figuras mui conhecidas; a Mãe que todos os meses entra com a prestação de 100\$ do soldo de seu filho, não faltou. Deixem passar esta Professora com uma telha de 50\$00. A Maria vai com 100\$00.

AFRICA

Não é preciso conhecer a história e geografia das nossas terras africanas; basta ver a festa que o Governo faz a um qualquer governante que da África do Sul cá venha. É ver como eles são recebidos. Como o foi o Ministro dos Transportes, recentemente. O que eles dizem. A quem. Aonde. Como. É ver. Eu cá não perco uma palavra. Leio os nomes todos. Eles precisam de nós e nós precisamos deles. Eis.

Ora isto vem para dizer da minha imensa alegria sempre que recebo carta de chamada, para mais um. Também eu faço uma festa. Festa interior. Mais um! Já temos sentinelas em Moçambique cidade, Quelimane, Luabo, Chinde, Beira, Xai-Xai, Lourenço Marques. Temos sentinelas em Luanda, Lobito e agora Porto Alexandre.

Quem é este que vai? É um simples colono, igual aos que já foram e outros que hão-de ir. Trabalhador desconhecido. Vai na multidão. Quantos que fizeram a nossa África têm ido assim—quantos?!

Como teria ido Cecil Rhodes, que morreu a valer seis milhões de libras esterlinas e se a morte o não tivesse levado, era ele que nos levava Manica e Sofala!

Vai agora mais um. Brevemente daremos aqui a sua fotografia e a sua história.

Nos dias doze e treze houve aqui festas em honra de Nossa Senhora de Fátima, que decorreram com muito brilho. Do dia doze destacamos a procissão de velas e no dia treze procissão e música pela Banda celoricense, que me pareceu muito boa.

Nós andávamos também a cheirar, mas fomos ao «cebo», pois compramos uma grande melancia, mas como com este tratamento não se pode comer tivemos de dá-la aos criados e estes bem a mereceram pois estão sempre prontos a aturar-nos.

Os dias aqui continuam a estar frescos de manhã, pois o sol só dá às dez horas e nós avaramente procuramos os melhores sítios para que este nos aqueça. Mas de tarde o tempo aquece e lá vamos nós até ao parque que se torna muito interessante por passar pelo meio um ribeiro não menos interessante, com as suas doces águas cantando uma canção que não compreendo, mas sei que é de louvor Aquele que lhe deu existência. A água bate nesta e naquela pedra, que em geral são esféricas, dando assim mais beleza e corre cada vez mais contente, à medida que vai indo para baixo, pois sabe que vai regar os campos que nos hão-de dar o pão com que nos alimentamos.

Quando não vamos ao parque, subimos com muita satisfação a serra, que se encontra toda arborizada graças à administração dos serviços florestais.

Este vosso amigo ia apanhando uma multa se não fosse um homenzinho avisar-nos que não podíamos tirar qualquer ramo de árvore. Traziamos um ramo grande que se tornava lindíssimo por vir carregado de medronhos. Aqui há muitas árvores destas que se chamam medronheiros assim como plátanos, cedros, pinheiros isso então não se fala. Todas estas árvores que sobem serra acima, dão uma vista imponente. A serra já tem muitas estradas que apesar de não serem das melhores, também não são das piores, podendo um carro andar à vontade.

Já fui á Pedra Bela, que dista aqui das caldas cinco quilómetros que fiz num instante (ou não seja eu um Zatopek) com uma alegria invulgar. Até parecia um saltapocinhas! Saltando pedras, descendo pequenos muros e com tudo quem pagou a brincadeira foram as costelas, devido aos tombos que dava, mas ninguém se riu à minha pala, pois ia sozinho e o remédio era levantar-me e continuar a jornada.

Estou a meio do caminho e ouço qualquer coisa estranha zunir. Caminho em direcção a esse barulho estranho e eis-me diante duns enormes penedos. São dois. Estando um encostado ao outro. Apróximo-me mais e meu entusiasmo aumenta. Entro no meio desses penedos gigantes e qual não foi a minha surpresa ao dar com uma nascente. Depois de apreciar por uns largos minutos uma das inúmeras belezas que a natureza põe à nossa mercê, bebi até ficar satisfeito e que bem me soube, pois o suor já corria pelas faces com abundância.

A medida que ia andando, mais beleza os meus olhos contemplavam. Oiço umas campainhas a tocar, olho para todos os lados e nada vejo. Continuo a caminhada e

depois uns bons metros, vi um enorme rebanho de ovelhas e cabras com as suas campainhas que eu já atrás tinha ouvido. O pastor estava em cima de um penedo, todo contente e tocando harmónica de beijos. Depois de ter parado um bocadinho, torno a andar e lá estou eu na Pedra Bela.

É um dos sítios mais pitorescos e mais altos da serra. Tem um largo jeitoso, os viveiros da Administração dos serviços florestais, umas grandes pedras em oval e umas vistas bonitas, pois além de se ver todo o Gerez, vêem-se todas as povoações em volta, que compõem a Comarca de Terras do Bouro. Que agradável é este sítio da Pedra Bela.

Torno a vir para baixo, trocando o caminho para vir pelos Viveiros de Baixo que são maiores e mais bonitos que os da Pedra Bela e além disso têm mesmo ao pé uma espécie de curral, onde estão duas corses e um porco bravo que muito apreciei.

Sinto a barriga «dar horas» e por isso toca a dirigir-me à pensão Central Jardim onde sou alvo das maiores atenções, tanto da parte dos donos como dos hóspedes.

Também me deu imensa alegria por ver que entre os hóspedes há alguns assinantes do nosso «Gaiato». Eu fico precisamente num quarto grande com um senhor que é assinante, e vive na cidade do Porto.

VISITANTES

Quando se diria não haver já mais gente que visite Paço de Sousa, de tantos que nos têm visitado; quando tal se diria, eis que o derradeiro domingo de Setembro, veio provar o contrário. Ninguém contava. Jornais e rádio nada disseram. Avisos particulares, também não. E foi um despejar! Logo de manhã, 500 de Guimarães em 11 camionetes, que celebraram na Capela, tendo feito um peditório. A seguir, um grupo de Famalicão, da fábrica *A Reguladora*, com a oferta de um magnífico relógio de parede. Depois são grupos que dispõem tam a bola com os nossos; dois jogos. Veículos munidos de auto-falantes a dar instruções aos do seu grupo. Bicicletas de pedal e a vapor. Os farneis. O garrafãozito. Um *Senhor da Pedra!* Houve quem tivesse contado duma só vez 32 camionetes, mas elas revezavam-se constantemente.

Operários. Nós somos operários, era a maneira de se apresentarem e depois, prosseguiram. Não há grupo que não apresente a saqueta, com rogos de desculpa por ser tão pouco; o qual pouco, depois de contado, andou por contos. Os tostões das massas operárias, naquela tarde!

As mães são quem melhor compreende; os nossos batatas são iguais aos filhos seus. Elas choram e choram e tornam a chorar! Passam por entre as mesas dos refeitórios, entram na cozinha. Dormitórios, jardins, lagos. As capoeiras. Os pombais. As abelhas. O gado. Os nossos mais pequeninos são iguais aos seus. Sim; digo bem. Elas tomam estes como se fossem seus, por isso mesmo, só elas sabem ver e amar as riquezas da nossa casa.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Já chegamos das terras do Gerez, onde fomos aproveitar as águas, para acalmar os maus fígados.

Foram também comigo as duas senhoras das casas, que estão de saúde.

Lá o almoço era às onze horas, o jantar às seis e chá às dez.

Por esse motivo, no dia da minha chegada fui pedir chá à senhora e por pouco ia comendo chá de vassoura.

Depois as coisas lá se compuseram e a senhora caiu... com o chá que muito bem me soube.

—Hoje depois do terço houve tribunal sendo o réu o «senhor» Álvaro. Quis armar-se em motorista, pôr o carro a trabalhar, mas esse abuso saiu-lhe caro. Tão cedo não deve pôr em prática a sua perícia de automobilista!

—Saiu o VI fascículo do Futebol Clube do Porto que como todos os outros se apresenta óptimamente impresso, como é timbre da Tipografia Marca. Neste número destaca-se a homenagem que todas as secções do grande clube nortenho prestam aos primeiros campeões nacionais de Futebol, a estatuetta e condecoração do atleta olímpico Valdemar Mota com a medalha de ouro que foi conferida pela colónia Portuguesa do Brasil.

—A nossa tipografia tem tido poucos trabalhos para execução. Quase todos os anos assim acontece nesta época de férias. Esperamos que isto seja uma coisa passageira, pois os rapazes da tipografia não querem estar «desempregados»...

—No dia 26 do mês passado estive em Paço de Sousa muita gente. Foi o dia do ano que tivemos mais visitantes aos seguintes grupos Recreativos e Excursionistas:

«Deus nos Guie».—de S. Mamede Infesta, «Unidos do Sport Lisboa e Benfica».—Gaia, «Sporting Clube da Arrábida».—Porto, «Os Amigos da Rua Guerra Junqueiro».—S. Mamede de Infesta, «Amores Perfeitos».—Porto, «Catequese de S. Sebastião».—Guimarães, a maior excursão, pois trazia doze camionetas, «Heróis da Pátria».—Arosa, «Os amigos de S. Miguel».—Santana—Leça do Balio.

Muito temos a agradecer a todos estes grupos, pois sempre que organizam excursões sempre passam por aqui, pois a grande maioria já repetiu a visita por mais de uma vez. Trouxeram dois grupos de futebol que jogaram de manhã e de tarde contra as nossas primeiras e reservas.

De manhã venceram muito bem o nosso grupo, por intermédio dos Unidos Sport Lisboa e BENEFICA.

De tarde empataram por dois a dois, mas os nossos adversários mereciam ganhar.

Daniel Borges da Silva

LAR DO PORTO

Demos graças a Deus, pois na terra ainda há corações bem formados, amigos dos pobres, despidos de egoísmo e capazes do sacrifício.

O nosso apelo foi pois executado e de que maneira!

Foi pago à mercearia os 840\$00 em dívida e temos em caixa a soma aproximada de 2.000\$00.

A alegria dos pobres é imensa pois voltam a receber a sua esmola.

Estávamos em dívida para com eles, mas essa dívida vai ser saldada. E cremos mesmo pelo calor das palavras de quantos vieram até nós, que o óbulo aos nossos pobres não mais faltará. Temos essa fé, pelas palavras amigas, sinceras e tranquilizadoras, de todos quantos nos escutam através de um dos últimos números de «O Gaiato».

E com a transcrição desta carta que a seguir se transcreve, vamos dar contas de quanto e de quem recebemos donativos para os nossos protegidos a maior parte dos quais desse Barredo, calvário de heroísmo desses pobres.

«Em comemoração do Ano Mariano, envio 2 mil escudos, sendo 840\$00 para saldar o déficit da Conferência à Mercearia e o restante para poderem fornecer mais algumas senhas aos vossos pobres. Que a paz do Senhor seja convosco.

(a) M. M. M.»

Estava em férias em Miranda do Corvo quando recebi comunicação do nosso Chefe, deste donativo. Uma alegria imensa me invadiu, senão comção, e o meu desejo era estar junto dos nossos pobres podê-los abraçar e comunicar-lhes esta boa-nova. Enfim, era a sua esmola que voltava, era reduzir mais um pouco a sua miséria, dar-lhes um pouco mais de alegria e consolação, dar-lhes aquilo a que por justiça tinham direito. Pão!

Obrigado pois a este benfeitor que se mantém no anonimato. Que Deus o cubra de glória como de alegria e de pão trouxe aos Lares de cada um dos nossos protegidos.

Remanescente da festa de homenagem dos funcionários do Gás Electricidade a um seu colega 377\$00.

De uma Jôcista com uma carta muito linda onde apela para os leitores de «O Gaiato» no

sentido de que dêem porque receberão cem por um, envia 50\$00.

O assinante 22.167 ao contrair matrimónio resolveu com sua esposa oferecer 50\$00 cada para a nossa Conferência.

O assinante n.º 27.086 envia 50\$00 para a carrejona e pede para ser admitida como subscritora da nossa Conferência com 20\$00 mensais.

Enviado pela Secretaria de um Liccu Feminino do Porto 20\$00.

De um anónimo 20\$00.

De outro anónimo e entregues no Lar do Porto 50\$00.

Da Senhora Rosa Carvalhido Pacheco—Viana do Castelo 20\$00.

Da Senhora Maria Manuela Guedes Freitas 10\$00.

Do assinante 550, 100\$00.

Recebemos também e já há tempos no nosso subscritor sr. Joaquim Henriques da Costa—Castelões de Besteiros—Beira Alta 240\$00, provenientes da sua quota mensal convertida no pagamento de todo o ano e que depois de muitas voltas nos foi o vale entregue pelo nosso Pai Américo.

Carlos Veloso da Rocha

LAR DE LISBOA

Aqui estou mais uma vez para falar nas minhas bonitas palavras do nosso querido Lar.

Como já disse na última vez que escrevi andamos a tratar das coisas para a Escola. Faltam-nos ainda livros e malas e agradecemos muito que nos mandassem. Os livros são do 1.º ano Comercial.

Há algum tempo o Sr. Padre Adriano levou-nos à Ericeira, para descansarmos um pouco das fadigas do trabalho, aonde temos uma colónia. Levámos tudo o que era preciso para um dia bem passado: lenha, batatas, vinho, cebolas, pão, água etc.

Quando chegámos tomámos um bom banho de mar apesar de estar o dia muito feio. Depois começámos logo a tratar de arranjar o almoço pois a larica era muita.

A volta quando chegámos a Mafra o Sr. Padre Adriano parou para irmos merendar, e ao entrarmos no café estava lá um senhor que tínhamos encontrado no Tojal nessa mesma manhã. Ele assim que nos viu mandou-nos logo sentar e mandou vir o que cada um quis. Atirámos-nos às laranjadas menos o nosso «Girafa» que para fazer que não era gaiato mandou vir uma cerveja, mas quando ia a meio já dizia: eh pá se eu soubesse tinha mandado vir também uma laranjada que era melhor. Nós começámos logo a rir e dissemos-lhe se ele não se quisesse armar não dizia aquilo. Depois de tudo bebido continuámos a viagem mas sempre a gozar com o «Girafa»

Foi um dia cheio.

A nossa Conferência—Cá vou falar mais uma vez da nossa pobre conferência. Há dias fomos ao Largo General Pereira d'Eça ver uma nova pobre. É mais uma alma que vai ser ajudada pela Casa do Gaiato.

Era o que todos deviam fazer porque dar aos pobres é dar a Deus.

Por ser verdade esta tão grande verdade é que a nossa obra recebe tantos e tantos benefícios.

Porque 500 rapazes estão a ajudar os pobres em nome de Deus são ajudados na mesma medida.

António Henriques Diogo

MIRANDA DO CORVO

Depois de algum tempo sem notícias venho novamente falar-vos um pouco desta casa.

—Começo por dizer-vos que as nossas colheitas já estão quase no fim. O milho que este ano estava bastante bom, já está quase todo apanhado. A maior parte dele já está no celeiro. Outro ainda está na eira para acabar de secar. Também temos algum nas terras, mas já é muito pouco.

—A nossa vindima foi no dia 18 do mês passado. Começamos no fim da merenda e andámos até à noite numa azáfara constante. Alguns cortavam as uvas para os cestos, outros levavam-nas para a dorna, onde já estavam alguns a esmagar. Os mais comilões comiam em vez de apanhar.

—A nossa escola que nós há tanto tempo esperamos, está quase pronta. Já todos sonhamos com o dia da sua inauguração. Muitos daqueles que já saíram dizem que gostavam novamente de ir para a escola, só para poderem dizer que andaram na escola nova. De facto numa escola daquelas até dá gosto aprender.

—O campeonato entre a casa de Miranda e a de Coimbra já está quase a terminar. Já só falta um desafio e mesmo que percamos, já ganhamos o campeonato. Os dois últimos jogos ganhamos por 5-2 e 3-1. Se algum leitor quiser oferecer um prémio ao grupo vencedor, nós desde já agradecemos.

—E agora queria fazer-vos um pedido que não sou eu que o faço, mas sim os viciantinos que pedem para se não esquecerem da nossa Conferência. Eles não queriam faltar com o necessário aos pobres, mas é preciso que se não esqueçam, porque senão eles nada podem fazer.

Crisanto

EU TORNAVA A PÔR-ME NOVO

Todas as quinta-feiras costume sentar à minha mesa um trabalhador pobre. E se calha de estar ausente, ele tem na mesma o seu lugar e come. Uma vez é um. Outras vezes é outro. Mas são todas as quintas-feiras. O convidado traz sempre a roupa da missa. Mãos lavadas. Boa disposição. Conforme as suas idades, uns trazem cajado outros não. São homens que trabalharam até poder, cheios de honestidade, nada na consciência que lhes meta medo ou que tenham de dar contas. São felizes! Eu hoje como à parte numa sala pequenina, fora do bulfício, por me faltar a paciência. Estou cansado. E é justamente desta sala pequenina que todas as quintas-feiras, faço cenáculo. Há a mesa, um armário, algumas cadeiras. Uma janela rasgada deixa entrar luz. O Pobre entra e senta-se ao pé de mim. Não existe hora mais cheia. É um conselho de Cristo Jesus: *Sentai os pobres à vossa mesa.* O que hoje jantou comigo, entra de caminho nos oitenta; é dos que traz cajado. O meu refeiteiro, que já não é o Manuel do Embrulho, entra com a sopa numa pequenina panela de alumínio. Toma o prato do meu hóspede, a seguir toma o meu e ambos começamos. Era caldo de cebola muito cozida e muito aromático. Arrumados os pratos, torna o refeiteiro com pescada cozida e batatas. De novo peço ao meu hóspede o seu prato, o qual coloco à beira do meu e repartimos. O azeite foi do melhor. Vinagre não. Feitos os pratos, cada um no seu

lugar, tratamos de comer. Até ser meu hóspede, tudo isto lhe era desconhecido. Agora não e come tudo de tudo com a simplicidade. Tínhamos já bebido cada um seu golo de vinho branco. Vinho engarrado por amor do hóspede. O melhor. Limpos os pratos do peixe, o nosso refeiteiro põe à cada um seu prato pequenino e vai buscar uma terrina de vidro com calda de peras. De novo próximo os dois pratos e tomo em cada um partes iguais. O meu hóspede aqui desequilibra-se um bocadinho. Disto nunca tinha comido. Sorve a calda em largos tragos. Toma os bocados de pera muitíssimo interessado. Dentro em pouco era o seu prato limpo! Ele mesmo declara: *que coisa tão boa.* Achei eu que mais um copito lhe havia de ir muito bem e o meu hóspede não me disse que não. Toma-o nas suas mãos e bebe até ao fim. Era o segundo; o meu hóspede fica-se de copo vazio na mão. Fez ali um moderado elogio ao jantar. Enche-se de coragem e de vida e exclama: *Eu tornava a pôr-me novo.*

Recebi em cheio a força daquele dito, rodeado de circunstâncias mui fáceis de compreender. Nunca por tão pouco se disse tanto! Isto quer dizer que este homem, na casa dos oitenta, não tem comido em toda a sua vida o necessário. Isto quer dizer que as grandes maiorias vivem da mesma sorte; o que tudo engrandece e valoriza o meu jantar das quintas-feiras.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

O apelo do penúltimo número do Gaiato despertou a generosidade dos nossos leitores. Graças a Deus. Como prova, vamos dar nota dos donativos: Narciso Pinto Loureiro, do Porto, 100\$00. De Lisboa, 50\$00. Um Visitante, 20\$. Caldas de Moledo, 10\$00. Assinante 20.902, 20\$00. De Lisboa, assinante 14.141, 50\$00. Uma assinante do Porto com 20\$00. Adérito Nogueira Barroso, 25\$00 e «se mais tivera mais dera». Para a Conferência da assinante 17.022, de Leiria, 20\$00. Maria do Céu Pimenta Faure, de Nelas, 10\$50.

Alcains com 20\$00. Assinante 7.513 de Lisboa, 50\$00. Uma carta de Bébé n.º 3 diz assim: *Aqui junto 20\$00 para a Conferência de S. Vicente de Paulo, são as quotas de... Maio e Junho... Valha-me N.ª Sr.ª das Dificuldades.* De Mira, 50\$00 para os pobres da Conferência da Nossa Aldeia. De um anónimo de algures, 80\$00. Um assinante de Tomar com 20\$00. Mais 10\$00 que são para a Conferência, visto os Confrades de Paço de Sousa dizerem que estão em déficit. Do Congo Belga, que tive a sorte de pisar quando peregrinamos por África, 500 francos. Que este Senhor ou Senhora, incite outros amigos a mandar mais francos. Lisboa com 20\$00. A terminar mais o seguinte:

«Para cumprimento de uma promessa, junto remeto a importância de 525\$50, produto de um mês inteiro de trabalho. Prometi-o à Casa do Gaiato e dar-lhe-á o destino que entender. Se, no entanto, não houver dono para a minha promessa, desejaria que fosse gasto em proveito dos pobres da Conferência dessa Aldeia, que vem lutando com grandes dificuldades. Caso assim aconteça, gostaria de ler no «Gaiato» sob a rubrica «Conferência da nossa Aldeia», qualquer indicação, como: Recebemos de M. F. 525\$50.

Agradecendo a Deus a graça que me concedeu, desejo muitas prosperidades à Casa do Gaiato, muita saúde e longa vida ao Bom Pai Américo a quem beijo as mãos muito humildemente em sinal de reconhecimento pelo bem que me tem feito por intermédio do «Gaiato».

Júlio Mendes

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA

Venda do jornal na Covilhã

Chegamos como anteriormente pelas 5,20h mas com menos sorte apesar de sermos bem recebidos. Desta vez fui eu e o João Martelo. Começamos pela parte central da cidade e à noite quando nos encontramos tínhamos os dois um total de 132.

No domingo, depois de termos ido à missa espalhamo-nos um para cada lado. O João foi para S. Francisco e S. João da Malta e eu fui para Santa Maria e para a capela dos Jesuítas aonde vendemos muito bem porque os Srs. Párocos destas freguesias avisaram que nós nos encontrávamos às portas. Mas pra' outra vez que não seja preciso ninguém avisar—tudo vê um rapaz com uma braçadeira que diz Casa do Gaiato e os jornais. Depois da missa tínhamos 500 jornais vendidos e fomos ao almoço a casa do Sr. Dr. Artur de Moura que nos recebeu de braços abertos. Pelas 2 horas queríamos ir para Tortozendo e eu pedi uma boleia. Tivemos pouca sorte, pois chocamos com um carro mas sempre chegamos. Fomos para o campo, pois que nesse dia havia desafio de futebol Covilhã-Barreirense. Depois do desafio fomos pra' vila onde vendemos 50 jornais. No dia seguinte fomos ao Fundão aonde vendemos 100 jornais e arranjamos algumas assinaturas. A todos muito obrigado.

José Dionísio Figueiredo